



Anticomunismo, história e literatura de cordel

Daniel Alves dos Santos¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
daniel.alves1@live.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação entre a Literatura de Cordel e o Anticomunismo a partir de dois folhetos escritos pelo Poeta Cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante. Considerando o Anticomunismo como combate às teorias e práticas de orientação marxista-leninista propostas a partir da Revolução Bolchevique de 1917, e num diálogo entre História e Literatura, pôde-se observar que, assim como na religião, imprensa e produção acadêmico-literária, houve, na Literatura de Cordel, quem assumisse o papel de combate ao “perigo vermelho” aqui no Brasil. Pode-se observar que esse Poeta, em sua prática/escrita, reforçou estereótipos de negatividade em relação ao Comunismo, bem como enfatizou a necessidade de combatê-lo.

Palavras-chave: Nordeste. Literatura de Cordel. História. Anticomunismo.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre la Literatura de Cordel y el Anticomunismo a partir de dos folletos escritos por el Poeta Cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante. Considerando el Anticomunismo como el combate a las teorías y prácticas de orientación marxista-leninista propuestas a partir de la Revolución Bolchevique de 1917, y, en un diálogo entre Historia y Literatura, se pudo observar que, así como en la religión, la prensa y la producción académico-literaria, ha habido, en la Literatura de Cordel, quien asumiera el papel de combate al "peligro rojo" aquí en Brasil. Se puede observar que ese poeta, en su práctica/escritura, reforzó estereotipos de negatividad en relación al Comunismo, así como enfatizó la necesidad de combatirlo.

Palabras clave: Nordeste. Literatura de Cordel. Historia. Anticomunismo.

Introdução

Este artigo discorre sobre a prática do Anticomunismo na Literatura de Cordel, tendo como fonte para a construção do *corpus* da pesquisa, folhetos escritos pelo poeta-cordelista alagoano Rodolfo Coelho Cavalcanteⁱⁱ. Dessa forma, foram escolhidas as seguintes obras do autor: A Santa que Apareceu em Belém (s/d) e ABC do Caminho de Areia (s/d), que trata da ocupação da vila Rui Barbosa na Bahia. Ambos os folhetos aqui analisados podem ser baixados no acervo de cordéis da Fundação Casa Rui Barbosaⁱⁱⁱ

Buscou-se dialogar com a Nova História a partir da utilização da literatura como fonte histórica, pois a abertura proporcionada pelos historiadores vinculados a essa corrente de produção historiográfica, proporciona o desenvolvimento de pesquisas tendo, por exemplo, os folhetos de cordel vistos aqui como documentos/monumentos a serem interrogados e problematizados num exercício de criticidade reflexiva sobre as condições de sua produção (LE GOFF, 1994). Os Cordéis são registros de um tempo, um agir e um pensar dos poetas sobre a sociedade em que viveram. Aqui se observa a relação de um desses poetas com questões políticas da sociedade brasileira e sua relação com ideologias e “contra ideologias” vigentes num dado contexto, especificamente a prática do Anticomunismo.

O Anticomunismo surge no Brasil, após a Revolução Bolchevique na Rússia. A repercussão internacional desse fato preocupou os países capitalistas que, após a primeira Guerra Mundial, num clima de instabilidade social e econômica, temiam a influência do bolchevismo sobre as classes trabalhadoras. Dessa forma, as elites brasileiras, influenciadas por esses países passaram a reproduzir entre si o temor ao comunismo e, seguindo as nações capitalistas, empenharam-se na produção propagandística anticomunista (MOTTA, 2000). Assim, a prática anticomunista começou a ocupar diversos espaços na sociedade brasileira.

O combate ao Comunismo é o objeto central da tese de doutoramento de Rodrigo Patto Sá Motta (2000), e que resultou no livro “Em guarda contra o perigo vermelho” no qual esse pesquisador faz uma abordagem sobre períodos da História do Brasil em que se mobilizaram diversos meios de combate à ideologia e prática comunistas e dessa forma, várias setores da sociedade se mobilizaram em torno do combate ao “perigo vermelho”. Sendo assim, a escolha do tema aqui abordado se deu a partir da percepção de que, assim como diversos segmentos da sociedade brasileira (empresários, intelectuais, religiosos), os poetas de cordel também tomaram parte nesse combate aqui expresso nos folhetos do Poeta Cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante.

História, Literatura e os Poetas de Cordel.

A História e a Literatura sempre estiveram muito próximas, e essa proximidade em determinados momentos pode passar por crises de acordo com a concepção historiográfica em que se aborda essa relação. Importa dizer que existe uma gama de ambiguidades que podem se cruzar no sentido de que as duas estão escritas como gênero literário e, enquanto a História tem seus postulados científicos, a Literatura enquanto manifestação artística é diretamente imergida na História. Dessa forma, a Literatura se alimenta da História na construção de seu corpo literário buscando matéria prima na produção dos historiadores ou na história dos indivíduos e suas experiências na sociedade (BARROS, 2010, p.2).

Outro aspecto importante a ser observado é que na literatura, a partir do constructo do texto, os escritores constroem formas de ver o mundo em que estão inseridos assim como projetam mundos imaginados. Dessa forma,

História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música (PESAVENTO, 2006, s/p).

Os poetas de cordel produziram, a partir da expressão da linguagem, em sua literatura, num diálogo entre a oralidade e a escrita, uma riqueza de fontes sobre determinados contextos históricos segundo suas condições de produção e

são essas fontes que devem ser vistas como vestígios em um dado momento da história do Nordeste do Brasil. Sua literatura voltada às classes populares durante muito tempo foi o principal veículo de informações das sociedades em que esses poetas eram os repórteres. Suas narrativas em versos, métrica e rítmica marcaram a região nordestina construindo versões acerca da realidade social em que estavam inseridos, bem como foram incorporadas como traço cultural dessa região do Brasil.

Seguindo essa caminhada, pode-se observar que, na Literatura de Cordel, os poetas em seus textos criam uma visibilidade, uma realidade que é apresentada ao leitor e projetam possibilidades a serem vividas no âmbito da história. Mesmo que em uma grande maioria dos textos se expressem histórias fantásticas, valores simbólicos acompanham essas histórias moldando a percepção dos leitores em relação à sociedade em questão. Portanto, a tarefa historiográfica aqui consiste em investigar “como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.17). E assim, ao se abordar os folhetos desse poeta de Cordel, pretende-se analisar como a sua construção discursiva pode nos dar pista de um dado período na história do Nordeste, pois ainda segundo Chartier, os discursos que visam uma apreciação da “realidade” são determinados pelos interesses dos grupos que os organizam

trazendo o posicionamento dos que enunciam sem o mínimo grau de neutralidade (Idem).

A Literatura de Cordel teve em Leandro Gomes de Barros o início de sua publicação sistemática (ABREU, 1999, p. 91). Este, afirmou que escrevia desde 1889, porém “o mais antigo folheto impresso por Leandro Gomes de Barros de que se tem notícia data de 1893” (Idem, p. 92). Assim, esse autor iniciou o processo de publicação do que conhecemos hoje como Literatura de Cordel, posteriormente foi seguido por diversos outros que acabaram contribuindo para seu enriquecimento enquanto manifestação da Cultura Popular.

Esse tipo de literatura ganhou notoriedade no Nordeste do Brasil, e segundo Diegues Jr (1975) “se constitui, portanto, num meio de comunicação, um instrumento de interligação entre as sociedades que se formavam” (Apud, FAUTO NETO, 1979, p.64), e essa interligação a faz um importante veículo de informação entre as camadas rurais da sociedade, bem como a transforma em elemento da Cultura Nordestina. Dessa maneira,

Mesmo sendo uma fonte impressa oferecida a uma população em grande parte analfabeta, essa literatura encontra um vasto público, já que a leitura do poema é feita em voz alta, por um “cantador”, que atrai um considerável número de ouvintes. Há certa facilidade em se apreender essas histórias narradas (GRILLO, 2015, p. 102).

Esse modo de apresentação facilita que indivíduos, mesmo analfabetos ou semianalfabetos, venham assimilar as

informações produzidas pelas narrativas com menos dificuldades que os jornais impressos ou mesmo o rádio. Há na forma de apresentação e apreensão do texto em cordel uma imposição formalística que, diferente da prosa, precisa ser memorizada na íntegra respeitando seus traços de rítmica e métrica, o que em caso de memorização dificilmente será esquecida ou dita de outro modo, pois há sempre uma preocupação com a reprodução próxima da “fidelidade”.

Portanto, “O cordel, que através da narrativa registra acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história” (GRILLO, 2015, p.24). Esse registrar histórico, a partir dos folhetos produzidos pelos poetas cordelistas, nos leva a buscar estudar essa Literatura para compreendê-la enquanto produção histórica de um dado momento da História do Brasil, e sua articulação com a História do Nordeste do País. Sendo assim, para o historiador,

O folheto de cordel se transforma em uma rica fonte de pesquisa para a História, para a Sociologia, para a Antropologia e para a Literatura. A Literatura de Cordel, que através de sua narrativa conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, transforma-se em memória, documento e registro da História Brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor se coloca como conselheiro do povo e historiador popular dão origem a uma crônica de sua época (GRILLO, 2015, p. 83).

Considerando tais aspectos, em 1955 um poeta cordelista chamado Rodolfo Coelho

Cavalcante, que se autodenominava Poeta Repórter (CURRAN, 1987), conseguiu, junto ao governo da Bahia, organizar um congresso de poetas de cordel e trovadores que contou com a participação de diversos intelectuais, inclusive Orígenes Lessa e Jorge Amado. Os objetivos desse Poeta eram: organizar a “classe” dos poetas de cordel e violeiros, chamar atenção da sociedade para as condições adversas que a maioria dos poetas cordelistas vivia e moralizar a poesia (CURRAN, 1987). Esse poeta marcou sua participação na história da Literatura de Cordel, bem como nos deixou pistas da vinculação de sua arte com o Anticomunismo.

Caminhos do Anticomunismo

O Anticomunismo como prática contra ideológica esteve presente na sociedade brasileira em diversos momentos e lugares. Pode-se perceber sua manifestação em diversos setores da sociedade como propagador do Comunismo, como algo violento e perigoso a ser combatido. Motta (2000), ao tratar do “Imaginário Anticomunista”, constrói a ideia de que na elaboração de uma imagem negativa do comunismo construiu-se um discurso segundo o qual:

A ação dos comunistas traria formas de sofrimento como fome, miséria, tortura e escravização; a nova organização social por eles proposta implicaria em pecado, pois questionava a moral cristã tradicional defendendo o divórcio, o amor livre e o aborto; e a morte estaria sempre

acompanhando o rastro dos bolcheviques, a quem se acusava de assassinar em massa seus oponentes e de provocar guerras sangrentas (MOTTA, 2000, p.72).

Portanto, a relação entre Comunismo e o mal foi um dos elementos a ser destacado. Na citação apresentada pode-se perceber que a influência comunista deveria ser combatida no âmbito religioso, no Direito e na família ao abordar as questões sobre divórcio e aborto, e relacionado à violência na eliminação de opositores. Ainda houve associação direta com o demônio, agentes patológicos, perigo estrangeiro, desafio a moral, entre outros. Ou seja, elementos do imaginário social.

Medeiros (2007) em “O *homo inimicus*: igreja católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas”, demonstra como foi constituído o imaginário anticomunista por parte dos setores eclesiásticos durante o período entre os anos 50 e 60 do século XX. Esse trabalho traz a informação de que entre as décadas de 50 e 60, setores da Igreja Católica tiveram grande participação na difusão de um discurso anticomunista e que “O medo será o tempero desta ação” (MEDEIROS, 2007. p.103). Essa pesquisa aborda questões ligadas à religiosidade, também contida nos textos da literatura de cordel utilizados aqui para compor o *corpus* desse trabalho.

Ainda sobre o Anticomunismo, Dreifuss (1981) tece reflexões sobre as mobilizações da imprensa em produzir formas de derrubada do presidente João Goulart através do Complexo

IPES/ IBAD destacando que o rádio, como meio de comunicação, era de suma importância em uma doutrinação anticomunista contra o poder Executivo. Sendo patrocinado pelo IPES que dava “apoio financeiro aos programas semanais anticomunistas, dirigido a um público de classe trabalhadora” (DREIFUSS, 1981, p. 249), o rádio foi um dos canais, junto da imprensa escrita, em que o discurso anticomunista chegou às populações mais pobres. Essa veiculação radiofônica foi base para muitos poetas cordelistas para elaboração de seus trabalhos. O que se ouvia no rádio era transformado em cordéis e vendido nas feiras do Nordeste.

Dessa maneira, o Comunismo como algo nocivo e violento, é apresentado pelo chefe do FBI, J. Edgar Hoover (1958) num livro que teve grande circulação no Brasil, sob o título de “Mestres do Embuste” que trata da “história do comunismo na América e como combatê-lo” e que afirma que “Os comunistas orgulham-se de ser revolucionários – e são revolucionários no sentido da destruição e violência” (HOOVER, 1958, p. 305). Esse livro, como um verdadeiro manual de combate ao Comunismo, traz forte discurso anticomunista e é de grande relevância para se compreender a força empreendida pelo autor no combate ao Comunismo a partir dos anos de 1950.

O Anticomunismo também tem forte expressão em livros de literatura produzidos em meados do século XX, como por exemplo, “Os Sete Matizes do Rosa” e “Os Sete Matizes do

Vermelho” do General Ferdinando de Carvalho (1977 e 1978) que trazem histórias de ficção, direcionadas aos jovens, sobre os comunistas e que são apresentados no sentido de que “todas as pessoas sejam esclarecidas sobre a existência desses tipos marginais, que eles próprios sejam alertados sobre o vulto e as consequências da ignomínia que praticam” (CARVALHO, 1978, p. 11).

Assim, o Anticomunismo percorreu uma diversidade de caminhos na sociedade brasileira através das práticas políticas, religiosas, aparatos midiáticos e na produção literária alcançando um grande número de pessoas nas diversas faixas da sociedade. Observa-se o cordel, principalmente os folhetos produzidos por Rodolfo Coelho Cavalcante, como expressão desse Anticomunismo voltado às populações rurais, principal público da literatura de cordel. Em diversos momentos de sua literatura encontramos pontos convergentes com os demais campos de combate ao Comunismo, assim observa-se seu papel nesse campo de batalha.

O Poeta Repórter-Anticomunista

Rodolfo Coelho Cavalcante foi responsável por dar grande visibilidade à literatura de cordel a partir de dois congressos realizados, um em Salvador em 1955 e o outro em São Paulo em 1960 (CURRAN, 1987). O Poeta sempre se declarou um “democrata”, seu conceito de democracia, em seus folhetos,

chocou-se diretamente com o Comunismo fazendo esse autor produzir folhetos com um discurso anticomunista em um contexto em que o comunismo foi encarado, por alguns, como uma ameaça à sociedade. Estamos falando do período entre 1955 e 1985, período em que podemos perceber diversos momentos em que o discurso anticomunista ocupou lugar central na difusão de sentidos com o objetivo de combater o “perigo vermelho”. Rodolfo Coelho Cavalcante se referindo à política afirmou em seu livro que,

Na literatura de cordel não há lugar para trovadores políticos, como já dissemos, para serem verdadeiros profissionais. Ao contrário, raro que um folheto escrito em versos combatendo governo ou pessoas ilustres da política brasileira é bem escrito. Pois o profissional do cordel escreve para ganhar a vida e não para intervir em questões particulares (CAVALCANTE, apud, CURRAN, 1987, p.254).

Esse trecho nos dá algumas pistas sobre as motivações da escrita anticomunista desse poeta. Quando afirma a não qualidade de folhetos que critiquem o governo, Rodolfo assume o papel de aceitação da ordem vigente, pois estamos tratando de um contexto histórico de instabilidade política no Brasil em que a censura e a repressão eram bases do controle exercido pelo Estado brasileiro para manter a sociedade em silêncio e limitar sua criticidade em relação à política nacional. “Escrever para ganhar a vida” significa escrever o que, nesse momento, é permitido ou, pelo contrário, poder-se-ia perde-la.

Esse poeta ainda completa dizendo que, “Poeta popular que se apaixona por uma corrente política e ataca os adversários da corrente política que defende sempre acontece serem vítimas de espancamentos, prisões, muitas vezes obrigados a mudar-se de um estado para outro” (CAVALCANTE, apud, CURRAN, 1987, p. 254). Nessa fala do Poeta se pode perceber o medo da repressão violenta a quem se propõe tomar partido nas questões políticas da sociedade. Fica evidente que existiam perseguições aos poetas que se propunham a criticar a ordem. Hipoteticamente pode-se dizer que essa percepção do Poeta Repórter pode ter orientado sua escrita quando se refere ao Comunismo sempre como algo nocivo e perigoso. Pois, encontra-se em seus Folhetos aspectos que o aproximam de um posicionamento político anticomunista.

É importante que se considere o contexto em que esse poeta escreveu seus livros, para que se possa compreender sua forma/escrita. Quando Rodolfo relata sobre o perigo da paixão por uma corrente política, ele deixa pistas de repressão sofrida por alguns poetas, pois ao afirmar sobre a obrigatoriedade de mudança de lugar por parte de alguns poetas e seus motivos, afirma existir censura e violência contra esse cordelistas. Dessa forma, destaca-se que o contexto do auge da produção poética de Rodolfo Coelho Cavalcante (entre as décadas de 1950 e 1980) foi também um período marcado por instabilidade política que antecedeu um período ditatorial, comandado

pelos militares com apoio de setores da sociedade civil com seu ponto de culminância em 1964, na deposição do Presidente João Goulart (DREIFUSS, 1981).

Segundo Dantas (2014) em 1954 a morte do então presidente Getúlio Vargas representou o adiamento do Golpe que viria acontecer em 1964. Ainda segundo esse autor, em 1955, com a eleição de Juscelino Kubitschek e João Goulart, instaurou-se uma crise em que a oposição tentou impedir a posse dos eleitos, “o movimento golpista envolvia setores militares da direita, principalmente na Marinha e na Aeronáutica, empenhados em impedir a volta do getulismo ao poder” (DANTAS, 2014, p. 64). Após a posse de Kubitschek e Goulart, em 31 de janeiro de 1956, houve mais duas tentativas de golpe orquestradas por setores das forças armadas, tendo como exemplo “duas tentativas de sublevação, por oficiais da Aeronáutica que pretendiam estabelecer focos de resistência ao governo em pontos remotos da Amazônia, Jacareacanga (1956) e Aragarças (1959)” (Idem, p. 65). Ambas não obtiveram êxito, mas foi prenúncio do que viria ocorrer a partir de 1961 com a renúncia de Jânio Quadros e a tentativa de impedir a posse de Jango promovida pelas forças golpistas.

Entre 1961 e 1964 houve um grande aparato midiático, ligado aos setores do alto empresariado, na propagação de notícias, através do Complexo IPES/ IBAD, tendo como um de seus objetivos construir uma imagem negativa

do presidente Goulart, bem como associar seu governo ao Comunismo (DREIFUSS, 1981). Essa associação de Jango ao Comunismo foi um dos argumentos para sua derrubada em 1964.

Nesse período diversas organizações anticomunistas se formaram e esforçaram-se na propagação do Anticomunismo, “como a Cruzada Brasileira Anticomunista, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a Liga da Defesa Nacional (LDN) e o Movimento Por um Mundo Cristão (MMC), por exemplo” (MOTTA, 2000, p. 294). Dessa forma, a sociedade brasileira, a partir de 1964 foi acometida, no desenvolver instável de sua política, por um período de repressão do Estado Brasileiro contra os comunistas, mas também contou com a formação de organizações terroristas de extrema direita que se empenharam na perseguição de militantes de esquerda.

Sobre essas organizações, Deckes (1988) destaca um grande número de atentados que foram promovidos entre os anos de 1964 a 1980, todos protagonizados em nome do combate ao Comunismo em diversas partes do País, inclusive no Nordeste, após a “chegada de Miguel Arraes de Alencar a Pernambuco, em 30 de setembro de 1979 (DECKES, 1988, p. 35). Sobre o medo da ameaça comunista no Nordeste, Page (1972) ao escrever sobre a organização das Ligas Camponesas no Nordeste do Brasil enfatiza o programa Norte Americano denominado Aliança Para o Progresso que, com o argumento de promover o “desenvolvimento

econômico” na América Latina, teve o propósito de evitar a ocorrência de focos revolucionários de orientação comunista, principalmente pela ocorrência da revolução cubana em 1959. Constituíam-se uma espécie de controle, por partes dos EUA, sobre a América Latina.

Após 1968, com o AI-5, a repressão no Brasil acentuou-se de forma mais violenta e a censura foi um dos pilares de combate a expressões subversivas. Diversos setores da sociedade, inclusive a classe artística foi duramente atacada e muitos artistas foram presos e torturados por se declararem contrários à Ordem vigente. Em 1975 a Operação Condor, uma aliança entre as ditaduras da América do Sul, sob orientação dos EUA, proporcionou um dos mais violentos períodos de repressão aos militantes de esquerda do século XX. A troca de informações sobre o paradeiro de pessoas associadas a ações subversivas foi classificada por Dinges (2005) como uma das operações que mais perseguiu e matou comunistas na América do Sul, tendo forte atuação no território Brasileiro. Diante do exposto, é nessa atmosfera de décadas marcadas pela instabilidade política nacional e internacional, de combate excessivo a ideologia e a prática do Comunismo, que Rodolfo Coelho Cavalcante produziu a maioria de seus trabalhos na Literatura de cordel, nos quais se identificam aspectos do discurso anticomunista.

A sociedade, em cada contexto histórico, se configura de uma forma que “exige” de seus

indivíduos que assumam posicionamentos diante de sua realidade. Dessa maneira, o Poeta assume seu papel e posicionamento de acordo com os fatores objetivos e subjetivos que permeiam sua realidade. Mesmo afirmando seu desinteresse pela política, sua poética demarca um posicionamento político evidenciado em seus textos. Rodolfo demonstra ser adepto de valores contrários a lógica comunista que compreendia, a religiosidade, por exemplo. Sua aversão ao Comunismo é apresentada quando Rodolfo afirma que houve tentativa de infiltração comunista em seu congresso de poetas em 1955. Ainda, segundo esse pesquisador, após 1955, Rodolfo afirma ter se negado a saudar Luiz Carlos Prestes em Maceió e foi tratado com hostilidade e violência pelos que acompanhavam o líder Comunista: deles apanhou, foi despedido de suas vestes e jogado em canal. Esse episódio teria motivado a escrita de um cordel criticando o Comunismo (CURRAN, 1987).

Rodolfo declara sua aversão ao Comunismo em 1963 em um folheto sobre a morte do presidente Kennedy e afirma ser “Jornalista periodista, trovador, democrata por convicção, inimigo do Comunismo ateu” (CAVALCANTE, 1963, Apud, CURRAN, 1987, 276). Assim, ao se observar a produção desse poeta deve-se considerar os aspectos aqui apresentados para melhor compreensão de sua forma/escrita a fim de compreendê-las, pois na sua Literatura de Cordel, o Comunismo é associado ao mal e como inimigo da religião,

causador de problemas diversos. Vejamos o que Rodolfo Coelho Cavalcante escreve em seu folheto “A Santa que Apareceu em Belém”, um folheto que tem em seu enredo a aparição de uma santa a algumas senhoras para anunciar catástrofes que ocorreriam no decorrer do século XX. Nas estrofes, 6, 7 e 10 que serão apresentadas na sequência é possível perceber a presença do Comunismo. Vejamos,

Esse ano ainda vê-se
Uma grande confusão
Uma morte traiçoeira
De um grande cidadão
O Comunismo também
Penetra aqui e além
Que de cortar coração

No trecho o Comunismo é destacado como algo negativo, pois a expressão “de cortar coração” traria um significado de grande tristeza, penúria, de tempos difíceis quando inserida no contexto de catástrofes anunciadas no folheto. Na sequência o Poeta relata a perseguição do comunismo em relação às religiões,

Uma nação é aliada
E se une com o Comunismo
Começa a perseguição
A todo cristianismo
Morre católico romano
Morre pastor luterano
Adeptos do espiritismo

Nesse fragmento o cerne da discussão é a perseguição ao cristianismo nas suas vertentes, catolicismo romano, luteranismo e espiritismo. Ao enunciar sobre o caráter perseguidor da religião, o Poeta cria uma visibilidade negativa do Comunismo. Essa acusação segue a linha do

que foi proposto por D. Sigaud (1962) em seu “Catecismo Anticomunista” quando afirma que a relação entre o Comunismo e o Catolicismo é de morte, e que ao chegar ao poder busca “afastar os Bispos, Sacerdotes e Religiosos que resistem; se preciso matá-los” (SIGAUD, 1962, p.4). Essa associação feita por um religioso, quando propagada na sociedade, contribuiu com a prática do Anticomunismo. Dessa forma, nota-se uma relação interdiscursiva entre o Poeta e o Religioso autor do Catecismo Anticomunista.

A próxima estrofe traz a relação direta entre o Comunismo e uma possível “tragédia” que aconteceria em Pernambuco, caso o Governo não agisse para impedi-la. Assim, escreve o Poeta,

Em Pernambuco também
Vai haver muita comédia
Se o governo for tôle (sic)
Afrouxar demais a rédea
Recife cai no abismo
Por causa do comunismo
Que (sic) termina u’uma (sic) tragédia

A relação Pernambuco/Comunismo abordada aqui pelo poeta pode ser resultado das disputas eleitorais para o Governo de Pernambuco nas quais houve uma disputa em que anticomunistas distribuía folhetos com a imagem de Satanás com os dizeres “vamos governar juntos” com o objetivo de causar temor na população ao demonizar o Comunismo representado pelo candidato Miguel Arraes, enquanto seus partidários entoavam um *Jingle* dizendo que “a voz de Deus é a voz do povo e Miguel Arraes governará de novo”, relacionando

a vitória de Arraes a uma vontade divina (DA MATTA, 2011). Assim, na poesia de Rodolfo Coelho Cavalcante evidencia-se esse conflito, bem como reforça no imaginário dos leitores de seus folhetos, a imagem negativa do Comunismo, como veremos em mais um de seus trabalhos.

Seu folheto intitulado “ABC do Caminho de Areia” trata da ocupação da vila Rui Barbosa na Cidade de Salvador – Bahia, bem como dos conflitos entre os moradores daquela comunidade e o Estado. Esse folheto se configura como uma reportagem acerca da situação conflituosa daquela localidade em que o Poeta acusa os comunistas de causarem os transtornos à população que lutava para manter suas moradias. Dessa forma, esse poeta escreve o seguinte, ao longo de seis de suas estrofes. São estas as de número 10, 11, 12, 13, 15 e 23, disponibilizadas aqui seguindo uma sequência.

Pode-se observar que nesse trabalho o poeta realiza uma descrição dos acontecimentos ocorridos no local, denunciando a violência sofrida pelos que ali resistem. No entanto, acusa os comunistas de causarem o problema e, ao mesmo tempo isenta o Estado de sua culpabilidade em não resolver o conflito social de forma a favorecer os trabalhadores. Assim, o Poeta começa dizendo,

Já soou na BOA TERRA
A hora do “pau cantar”
Os comunistas não querem
Ver assim se realizar?
Não é seu programa novo
O governo contra o povo

Todo dia a guerrear

Nessa estrofe o autor demarca sua aversão ao Comunismo apresentando seu governo como inimigo do povo e voltado a “guerrear”, e, dessa maneira marca um posicionamento de crítica diante do Comunismo, já que o poeta não está falando sobre personagens e sim noticiando um fato cotidiano. O poeta apresenta o Comunismo relacionado à desordem e responsável pela violência sofrida pelos moradores.

Em outros dois trechos do folheto o poeta escreve que,

Kuem [*sic*] mandou o nosso povo
Fazer casa em invasão
Foi o Governo leitores?
Não leitores isto não
O culpado é o comunismo
Com as chamas do egoísmo
Preparar revolução

Lá no “caminho de areia”
O povo está revoltado
Diz os, donos do terreno.
Queremos ao nosso lado:
Tudo quanto nos pertencem
Dizem os vermelhos: Não pense...
O terreno é abandonado.

Mais uma vez o Poeta culpa o Comunismo pela situação vivida pelos trabalhadores e isenta o governo da responsabilidade pela situação de precariedade do povo, já que não foi o governo quem direcionou o povo a “invadir” o terreno, os comunistas são taxados de egoístas, pois estes incentivaram os moradores a construírem suas casas em terreno “alheio” argumentando com o fato de o terreno ser abandonado.

Esse poeta ainda argumenta fazendo a defesa do governo, apontado pelo mesmo como organizador do povo e responsável por trazer-lhe a “calma”. Dessa maneira, mais uma vez, os comunistas são acusados de se inserir na comunidade sendo então responsáveis pela violência física sofrida pelos moradores da ocupação aqui chamados de “invasores”. É o que se pode ver na estrofe a seguir,

Mais o povo se revolta
Vae (sic) o governo acalmar
Os comunistas se metem
Nisso vê-se o “pau cantar”
Quem paga são os invasores
Eles os trabalhadores
Que morrem de apanhar

O Poeta ainda continua dizendo,

Nesta confusão imensa
A cena é mais dolorosa
Por isso caros leitores
Vê-se a “Vila Ruy Barbosa”
Sofrendo esse ostracismo
Por causa do comunismo
Com sua ação criminosa

Ou seja, ao chamar atenção para a situação dos moradores da referida Vila, o Poeta alerta ao leitor sobre o perigo comunista e sua suposta “ação criminosa”. Entende-se aqui que no contexto noticiado pelo Poeta Repórter, os moradores no embate contra o Estado buscando manter-se na ocupação foram de alguma forma orientados pelos comunistas.

E continua,

O Governo não é culpado
De tudo que aconteceu
Povo proletário amigo
Onde você se meteu
Que Deus ouça os clamores

Das vossas imensas dores
Isto quem vos diz sou eu

E completa seu leque de acusações dizendo,

Xadrez não sofra esses pobres
Eu peço a vossa Excelência
Pois eles não são culpados
Partiu só da “INTELIGENCIA”
Da cabeça dos “vermelhos”
Que vivem dando conselhos
Para a desinteligência

Nessas duas últimas estrofes pode ser observada a militância de Rodolfo Coelho Cavalcante na defesa do Governo, contrastando com o seu clamor pelo povo proletário para “que Deus ouça os clamores” destes, bem como a acusação aos comunistas de levarem ao povo a uma situação de “desinteligência”. O Poeta ironiza as supostas ações dos comunistas ao escrever a palavra “INTELIGENCIA” entre aspas e em caixa alta. Dessa maneira, nota-se, na descrição aqui apresentada por esse cordelista uma gama de acusações aos comunistas sempre postos como responsáveis pelas agruras sofridas na Vila Ruy Barbosa.

As situações conflituosas nessa ocupação ocorreram em meados do século XX, mais precisamente entre o final da década de 1940 até os anos de 1970 na Cidade de Salvador.

As ameaças de demolição eram constantes, um “tormento” na vida dos “invasores”. A resistência dos moradores às ações da polícia e a própria situação da terra foram os motivos principais que permitiram a continuidade da expansão; possibilitaram, acima de tudo, a permanência das precárias habitações que significavam a garantia da residência na área (SANTOS, 2005, p. 96).

Portanto, esse poeta, ao noticiar os acontecimentos ocorridos na ocupação da Vila Ruy Barbosa, está registrando historicamente um acontecimento, aí ocorre diretamente um diálogo entre História e Literatura e que pode ser utilizado por historiadores como fonte histórica, mas também demarca sua visão acerca dos comunistas no período em que escreve o folheto. Sua escrita marca sua visão política, bem como ajuda a reforçar estereótipos em relação aos comunistas, seu discurso literário serve ao Anticomunismo, ao orientar seus leitores contra estes e criar/reforçar uma imagem nociva do Comunismo.

Os folhetos trazem, em suas páginas, através de histórias diversas, aspectos relacionados ao posicionamento anticomunista do Poeta. No primeiro folheto analisado há um apelo religioso ao combate do Comunismo como inimigo da religião. Podemos ver que o poeta apresenta o perigo da penetração comunista, e que essa penetração é dada como certa já que o cordel trata de acontecimentos que virão. Em seguida o Comunismo é apontado como inimigo da religião, do catolicismo, luteranismo e espiritismo, ou seja, é descrito como inimigo terrível a ser combatido pela população. O cordelista evidencia o aspecto de negatividade do Comunismo através de seu poema.

No segundo folheto, mesmo chamando atenção para a situação de descaso e violência sofrida pelos moradores da Vila Ruy Barbosa, o Poeta repórter manipula as informações

isentando os que reivindicavam a posse do terreno e o governo da responsabilidade pelas ações violentas promovidas naquela comunidade e acusando os comunistas de causarem tais transtornos. Seu posicionamento tendencioso em relação à expressão de sua poesia o coloca como agente de um “Cordel/Jornalismo” comprometido com a ordem vigente. Há em seu texto forte apelo anticomunista, o que o relaciona diretamente com o discurso veiculado pela mídia jornalística do período. Assim, Rodolfo Coelho Cavalcante, o Poeta Repórter, teve importante papel na guerra contra o perigo vermelho.

Considerações Finais

101

Considera-se que Rodolfo Coelho Cavalcante, em seus cordéis aqui abordados, esteve ativamente participando do combate ao “perigo vermelho” em uma época que se opor ao Governo era característico de indivíduos comprometidos com a mudança. Seu discurso de moralizar a poesia na ocasião dos dois congressos que organizou, seu posicionamento religioso e sua aceitação ao *status quo* marcam seu caráter conservador, o que é importante de ser observado em sua escrita poética.

Sendo este Poeta um legítimo representante das classes populares, isso não significa que sua produção não sofresse influência das manifestações da classe dominante. Como por exemplo, pode-se notar a aproximação de seus textos como os textos

produzidos por Sigaud, Hoover e Carvalho. Textos tidos como “eruditos” que seguem numa relação de intertextualidade com a Poesia de Cordel aqui apresentada. Nesse aspecto, pode-se dizer que, como foi apontado por Bakhtin, há “uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante” (GINZBURG, 2006, p.18), e um dos lados dessa influência pode ser notado na escrita de Cordel de Rodolfo.

Outro aspecto a ser observado é o contexto de produção do Poeta. Estamos falando de um período em que a instabilidade política foi o grande motor da sociedade brasileira e isso não pode ser desconsiderado. A sociedade brasileira, nesse contexto viveu momentos (a exemplo da ditadura civil militar) em que o autoritarismo regulou as relações entre as pessoas e o Estado a partir de uma política de “tutela, da concessão, da autoridade e do favor, fazendo da violência simbólica a regra da vida social e cultural” (CHAUÍ, 1986, p. 54), o que fez com que o privilégio de ser “senhor-cidadão” dependesse da vontade do Governo que o regularia e suprimia conforme sua vontade (Idem). Esses aspectos de regulação e repressão podem ter influenciado o Poeta que afirma não existirem folhetos bem feitos que critiquem o governo ou pessoas ilustres.

Dessa maneira, os pontos aqui considerados são importantes para que percebamos a participação do Poeta cordelista no desenvolvimento de um imaginário acerca da

sociedade e política do Brasil. No caso do Poeta aqui estudado, em sua narrativa encontram-se aspectos do Anticomunismo dialogando com a produção discursiva da classe dominante e orientados pelo contexto internacional da Guerra Fria, bem como tendo sua produção literária regulada pelo contexto de instabilidade que, em determinados momentos, flagelou o país. Adotar um posicionamento era preciso, e aceitar a ordem vigente pode ter sido uma estratégia desse poeta para manter-se como representante da classe dos poetas e assim, conseguir organizar seus pares em torno de seus interesses. O diálogo entre História e Literatura é visto aqui na interação entre Arte e Realidade para a produção de um modo de dizer e fazer ver a sociedade da época.

102

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999.
- CARVALHO, Ferdinando de (Gal.). **Os sete matizes do vermelho**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1977.
- _____. **Os sete matizes do rosa**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.
- CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **A Santa que Apareceu em Belém** [Folheto de cordel] / Rodolfo Coelho Cavalcanti. [S. l: s.n. s.d.]. 8 p.

_____. **ABC do Caminho de Areia** [Folheto de cordel] / Rodolfo Coelho Cavalcanti. [S. l: s.n. s.d.]. 8 p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CURRAN, Mark. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcanti na moderna literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

DA MATTA, Giuliana de Cássia Pinto. Os Modos De Fabricação De Uma Campanha Eleitoral (Pernambuco, 1955-1964), In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848411_ARQUIVO_PropostadeArtigo.pdf
Acesso em: 20 de julho de 2017.

DANTAS, Audálio. A mídia e o golpe militar. São Paulo/SP. In: **Estudos Avançados**, v. 28, n. 80, p. 59-74, 2014.

DECKES, Flávio. **Radiografia do terrorismo no Brasil: 1964-1980**. São Paulo: Ícone, 1988.

DINGES, John. **Os anos do Condor: Uma década de terrorismo internacional no Cone Sul**. São Paulo, Cia das Letras, 2005.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FAUSTO NETO, Antônio. **Cordel e a Ideologia da Punição**. Petrópolis: Vozes, 1979.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: Histórias na Literatura de Cordel (1900-1940)** Jundiaí, Paco Editorial, 2015.

HOOVER, J. Edgar. **Mestres do embuste. A história do comunismo na América e como combatê-lo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

MEDEIROS, Fernando Antonio Mesquita. **O homo inimicus: Igreja Católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 –1964)**. 368 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PAGE, Joseph A. **A revolução que nunca houve (O Nordeste do Brasil, 1955-1964)**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1972.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates**, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em; <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>
Acessado em 10 de outubro de 2017.

SANTOS, Janio. Políticas Públicas E Ações Populares: O Caso Dos Alagados – Salvador/Ba. In: **Estudos Geográficos**, v.3, n. 1, p. 93-110, 2005.

NOTAS

ⁱ Mestrando em História –Universidade Federal de Sergipe.

ⁱⁱ Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em 12 de março de 1919, em Rio Largo, Alagoas. Filho de Artur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante. Desde cedo tomou gosto pela poesia popular, enveredando pela literatura de cordel. Fixou moradia em Salvador em 1945 e dedicou-se organizar a classe dos poetas populares, tendo organizado, em 1955 e 1970 dois grandes congressos de poetas e trovadores com o objetivo de dar visibilidade aos poetas populares. Foi também fundador dos periódicos *A voz do trovador*, *O trovador* e *Brasil poético*. Sua produção poética abrange vasta temática. Morreu em 1987, atropelado em frente a sua residência.

ⁱⁱⁱ Existe significativa quantidade de material relativo à Literatura de Cordel no sítio da Fundação Casa Ruy Barbosa. Os folhetos estão digitalizados e Disponíveis em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>. Tomou-se como fonte para a construção desse artigo os seguintes títulos: CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **A Santa que Apareceu em Belém** [Folheto de cordel] / Rodolfo Coelho Cavalcanti. [S. l: s.n. s.d.]. 8 p.; CAVALCANTI, Rodolfo Coelho. **ABC do Caminho de Areia** [Folheto de cordel] / Rodolfo Coelho Cavalcanti. [S. l: s.n. s.d.]. 8 p. Acessados em: 20 de janeiro de 2016.

Recebido em: 30/09/2017.

Aprovado em: 18/11/2017.

Publicado em: 30/01/2018.